As estratégias de Linguagem nos jornais populares de Manaus.[1]

Antônio José da Silva [2]
Maria Sandra Campos [3]
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas

Resumo

O artigo tem o intento de apresentar informações e reflexões sobre o segmento popular da grande imprensa na cidade de Manaus, ressaltando suas características e as peculiaridades da sua construção. Neste particular, buscamos, por importante, destacar as práticas de linguagem dos principais jornais populares na capital amazonense, compreendendo seus elementos constitutivos, bem como os temas e abordagens mais recorrentes ali desenvolvidas. Ademais, intenciona-se aqui apresentar registros relativos à questão de que tais impressos estão inseridos na perspectiva de ocupação das mídias pela grande massa populacional, situação que se consolidou especialmente nas últimas décadas.

Palavras – Chave

Jornalismo Popular; Linguagem; Comunicação

Introdução

Os jornais populares, como são identificados os produtos jornalísticos destinados a consumidores das classes B, C e D, são uma realidade em nosso país. Sua aceitação e circulação são, igualmente, grandes, pois representam, dentre outros aspectos, uma aproximação com a grande massa que busca, através desses periódicos, a resolução de problemas comunitários, informação e entretenimento. A linguagem utilizada por eles funciona como uma espécie de atrativo ao consumo, além de representar o "falar" do leitor. Ocorre que o fato de ser marcadamente popular, com jargões e formas escritas tipicamente coloquiais implica, por vezes, a sentença de que ali está representada uma subcultura ou algo inferior do ponto de vista técnico, estilístico ou informacional, produzindo

1. Artigo apresentado para o DT1 Jornalismo – Gp Jornalismo Impresso do XXXVI INTERCOM

2. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da UFAM

3. Professora Orientadora – Docente do Programa de PPGCCOM/UFAM

preconceitos de toda natureza, enfaticamente em relação à linguagem. A linguagem, aliás, será, em grande parte, o norte da pesquisa que está em fase inicial de desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, pois, em decorrência dos jargões e formas populares, presentes de forma maciça neste tipo de jornal, tem-se a compreensão de que é um expediente jornalístico destinado somente a leitores que não fazem uso do nível padrão da língua, não havendo qualquer outro valor no jornal, situação que desejamos refletir e desmistificar através da pesquisa. Nela, buscar-se-ão, através de uma abordagem histórica e social, via revisão de literatura e aplicação de questionários e entrevistas, elementos para compreender Além disso, vamos lançar mão de resultados de trabalho de Iniciação Científica, desenvolvido por este proponente, financiada pela Fundação de Amparo e Pesquisa do Amazonas – FAPEAM, no âmbito do Programa Ciência na Escola – PCE, a qual, no ano de 2010, realizou ações no sentido de verificar a influência da linguagem no consumo dos jornais.

1 O Jornalismo Popular: História e Perspectivas

No prefácio da obra "Jornalismo Popular" (2008), a autora Márcia Amaral lembra que os produtos jornalísticos populares surgiram no Brasil há cerca de vinte anos, em resposta a uma tendência mundial dos jornais compactos. Estes periódicos configuram-se pelo baixo custo de produção, pela propagação de notícias em resumo, pela divulgação das problemáticas sociais, da saúde à segurança pública, bem como pela linguagem acessível, popular, em muitos casos – as questões que envolvem o uso da língua nesses jornais serão refletidas adiante. Adicionalmente, a autora ressalta no prefácio de sua obra que o entendimento recorrente de que tais jornais substantivam somente sensacionalismo barato deve ser repensado, pois lá além da prestação de serviço público, temos discussões dos mais diversos temas, inclusive políticos, algo, por vezes, impensável. Para reforçar sua percepção, Amaral registra que diversos jornais do segmento popular foram premiados nacionalmente, dentre os quais os jornais "O Dia" e "Extra", ganhadores de prêmios Esso de Jornalismo nas categorias de fotografia e reportagem, respectivamente. Neste cenário, acredita-se que os jornais populares superam o estigma de informativos de qualidade duvidosa e passam a outro patamar. Atrelado a isso, é clara a noção de que o mercado de

periódicos populares está em plena expansão e seu trabalho se concentra fortemente na sedução do leitor. De acordo com Amaral (2008) tais jornais assumem formas específicas, porque o que move essa imprensa é, antes de qualquer coisa, a sedução do público e não a credibilidade ou prestígio. Além disso, a autora lembra que os expedientes populares atendem a um público interessado não somente em histórias incríveis ou irreais, mas também na busca de prestação de serviços e cultura. Evidentemente, os assuntos mais destacados nesses jornais, como já mencionamos, têm relação com a vida da população: atendimento à saúde, segurança pública, mercado de trabalho, televisão. Neste sentido, Márcia Amaral ressalva o fato de que tais jornais, ao optarem por "agradar" seus leitores, não avançam no sentido de oferecer um jornalismo de maior qualidade temática, situação que tem sido modificada nos últimos anos, nas palavras da própria autora.

O fato é que os jornais populares têm, atualmente, se consolidado em todo o mundo e sua história, que remonta épocas bem distantes, parece ainda ter muitos capítulos a serem inscritos, tendo em vista que tais impressos estão conseguindo vencer o preconceito que os acompanha ao longo do tempo.

1.1. Sangue e violência: é só isso que interessa à publicação nos jornais populares?

Comumente, se tem a ideia difundida de que os jornais populares reduzem-se aos registros sobre a violência, sobre crimes e outras patologias sociais, especialmente por conta do público-leitor desses expedientes. Sobre isso, Márcia Amaral (2008) lembra que

> "Além da linguagem os jornais acabam também se adequando os conteúdos mais sedutores para um público popular. Se na imprensa de referência o jornalismo é, sobretudo, um modo de conhecimento, no segmento popular ele ocupa também a função de entretenimento..." (AMARAL, 2008, p.58)

Além disso, ela destaca que "entre as explicações plausíveis para o sucesso de jornais e programa populares incluem-se o desencanto com a política a inoperância do poder público e noção de que as notícias estão fora do alcance das pessoas do povo" (AMARAL, 2008, p.59). Verdadeiramente assiste razão à autora, quando destaca que os jornais populares, de alguma maneira, sustentam sua existência na tratativa desses temas, os quais representariam a fórmula que deu/dá certo.

Entretanto, a questão é merecedora de investigações mais abrangentes, as quais serão objeto de pesquisa futura, como dissemos acima. Acreditamos que reduzir o interesse do leitor simplesmente a assuntos apolíticos, reduzidos e particularizados é algo que carece de observação. Para citar um exemplo disso, o jornal "Dez Minutos" do dia 21 de junho de 2013, trouxe em sua capa: *"Mais de 100 mil tomam as ruas 'com orgulho'"*, como destaque à manifestação ocorrida na cidade de Manaus no dia anterior e que teria levado mais de cem mil pessoas às ruas, além disso, trouxe em outras duas páginas registros de ações populares ocorridas em outros lugares do Brasil.

Afora isso, o impresso realizou cobertura durante todo o dia de manifestações. Assim, longe de atuar como defensor desse tipo de jornais, podemos dizer que os mesmos não têm seu conteúdo desvinculado dos debates sobre questões coletivas, como muitas vezes se quer crer. Desta forma, além de sangue e violência, é possível vislumbrar nestes jornais pelo menos algum interesse em avançar em discussões mais elaboradas o que, sem dúvida, será objeto de relatos posteriormente.

2 Registros sobre os jornais populares em Manaus

As experiências do jornalismo de cunho popular na cidade de Manaus já alcançam mais de uma década. Dentre os impressos que circulam na capital, registramos o "Maskate", jornal com mais de duas mil edições, "Dez Minutos", da Rede Diário de Comunicação, o "Manaus Hoje", do Grupo Calderaro, e mais recentemente o "Agora", do mesmo grupo do "Amazonas Em Tempo".

Para termos uma ideia da força desse segmento em Manaus, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação – IVC, o jornal "Dez Minutos", que é editado há cinco anos, está entre os quinze jornais de maior circulação no Brasil. Com o preço de vinte e cinco centavos – aliás, é como muitas vezes é chamado o impresso "o vinte e cinco centavos" – o jornal traduz nas suas páginas todas as bases do jornal popular: polícia, esporte, entretenimento, prestação de serviços, notícias de celebridades.

Situação semelhante acontece com o periódico "Manaus Hoje" que também tem cerca de cinco anos de existência. Todavia, o referido jornal, embora trate de temas com repercussão popular, faz uso de uma linguagem escrachada, com a clara intenção de atingir

o público-leitor pela utilização de palavras e expressões popularescas, as quais teriam grande ligação com a massa populacional. Este procedimento linguístico ocorre de forma mais evidente no "Maskate", o mais antigo dos impressos populares, contudo lá o teor da linguagem é absolutamente chulo e com palavras de baixo calão, situação que contribuiu para a resistência a essa categoria de jornais.

A intenção é, no decorrer deste texto, realizar uma abordagem particularizada dos veículos citados, mas, antecipadamente, acompanhando o posicionamento de Márcia Amaral, entendemos ser necessária uma reflexão mais abrangente do papel desse segmento no ambiente social, entendendo, por especial, quais as implicações de sua densidade atual. Antes, porém, façamos algumas considerações sobre a questão da Linguagem.

3 Algumas Considerações sobre Linguagem

Travaglia (2009), ao iniciar as discussões em torno de uma proposta para o ensino da gramática, trata sobre Concepções de Linguagem. Para ele, estaríamos diante de três perspectivas: a primeira que entende a linguagem como expressão do pensamento. Nesta faceta, a enunciação seria um ato monológico e individual; a segunda entende a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para ela.

Neste particular, com base em Neder (1992), Travaglia lembra que o falante teria uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer cheguem ao outro. Por fim, temos a linguagem, na visão do linguista, como forma ou processo de interação. Aqui, não haveria monologia ou transmissão de dados, mas a realização de ações, com efeitos de sentido entre interlocutores, com base num contexto sócio-histórico e ideológico.

Sobre isso, Bakhtin (1986), registra que:

> "a verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem"

Nesta razão, precisamos trazer à tona, ainda, o que é definido nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais comungam com a fala do linguista russo. Segundo os PCNs, "não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com um outro, dentro de um espaço social [...]" (BRASIL, 2000, p.5). Corroborando com este cenário, apontamos o que diz Marcos Bagno (2003). Para ele a linguagem, manifestada através da língua, só é possível através da atuação humana, da interação social.

O autor ressalta, inclusive, que "por estar sujeita às circunstâncias do momento, às instabilidades psicológicas, às flutuações do sentido, a língua é opaca". Adicionalmente, Marcos Bagno, em sua obra a "Norma Oculta – Língua e Poder na Sociedade Brasileira", lembra que a língua é parte da nossa identidade individual, por isso

> "...*nós somos a língua que falamos*, e acusar alguém de não saber falar a sua própria língua materna é tão absurdo quanto acusar essa pessoa de não saber usar corretamente a visão (...) Nossa relação com a linguagem é muito mais profunda e complexa do que um simples uso..." (BAGNO, 2003, p.17)

Ora, como vemos, as práticas de linguagem envolvem, na visão dos mais variados autores, relações interacionais. Somente no contato com o outro, num processo de interlocução, podemos falar da concretização dela. Não temos, assim, como falar em linguagem pronta, estabelecida, e muito menos de padrões linguísticos que devem ser seguidos.

Nesta perspectiva, vale a pena fazer alguns registros sobre variações linguísticas, que correspondem ao que se chama de pluralidade discursiva. Luiz Carlos Travaglia, a propósito, utilizando o quadro definido por Halliday, McIntosh e Strevens (1974), cita dois tipos de variedades de linguagem, as dialetais e as de registro: as primeiras adstritas às dimensões territoriais, geográficas e/ou regionais, e as outras relacionadas aos graus de formalismo, modo e sintonia.

A linguagem dos jornais populares estaria inserida neste processo de variação, especialmente no "Manaus Hoje" e "Maskate". Interessante notar – e importante investigar posteriormente – que o outro impresso de grande circulação, o "Dez Minutos", embora trate de temas de repercussão popular, geralmente com a mesma pauta dos outros periódicos, não se utiliza de linguagem informal, mantendo uma linha editorial mais concentrada, sem exacerbações emotivas ou exageros linguísticos. Neste particular, necessário discernir,

adicionalmente, linguagem popular e populacho. A primeira é formada pelas variações que apontamos há pouco e teria uma relação muito próxima com o "falar do povo", já o populacho, que tem como um dos significados "ralé", tem uma perspectiva mais pejorativa e estaria relacionado àquilo que não é bem recepcionado por uma parte substancial da sociedade. Assim, embora não se utilize de formas populares na sua construção, o "Dez Minutos" atinge níveis de comercialização expressivos, com projeções de ampliar sua circulação na capital amazonense.

Vejamos, agora, como se consolida a linguagem nestes jornais.

4 A Linguagem dos Jornais Populares

Os jornais de cunho popular têm na linguagem, além da perspectiva temática, o seu grande suporte para atrair leitores. O perfil linguístico destes impressos caracteriza-se pela liberdade, pelo tom irônico e pelo intenso uso, na maioria dos jornais, de uma infinidade de expressões e formas populares.

Em pesquisa sobre o assunto, realizada no ano de 2010, no âmbito do Programa Ciência na Escola, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, com o título "Dez Minutos e Manaus Hoje: os novos caminhos da linguagem jornalística em Manaus", ficou constatado, com base na aplicação de mais de duzentos questionários, em diversas regiões da cidade, que 60% (sessenta por cento) das pessoas consideravam a linguagem dos jornais como grande atrativo para consumo.

As considerações realizadas pelos entrevistados era, inclusive, no sentido de referendar o papel da linguagem, especialmente no jornal "Manaus Hoje", onde os registros escrachados são muito mais evidentes. Para dar alguns exemplos destes registros, na edição de número 1468, de 21 de junho de 2013, o jornal "Manaus Hoje" traz como uma das notícias: *"Polícia prende um grupo de mulheres até o tucupi de tóxicos"*. A expressão, como bem sabemos, corresponde a uma construção popular que significa "estar cheio".

Noutra matéria, na mesma data, o referido jornal registrou, agora na página reservada aos comentários sobre as celebridades, o seguinte: "*Netinho pulou uma fogueira*", numa referência ao cantor baiano Netinho que, à época se recuperava de problemas de saúde no estado de São Paulo. O fato é que são muitas as manifestações de linguagem coloquial, situação que nos leva a realizar algumas considerações.

Primeiramente, relevante evidenciar o que Márcia Amaral, autora de Jornalismo Popular (2008) diz sobre este aspecto. Para ela,

> "...os jornais populares constroem sua legitimidade de outros parâmetros, relacionando-se de uma forma peculiar com o mundo do seu público leitor (...). Além disso, são obrigados, por interesses mercadológicos, a utilizar determinados recursos temáticos, estéticos e estilísticos deslocados do discurso jornalístico tradicional." (AMARAL, 2008, p.57)

Como vemos, a linguagem dos jornais populares se constitui deste processo de observação das referências do leitor, o qual, ainda segundo Márcia Amaral (2008), tem seus gostos e estilos marcados por uma história de exclusão social, econômica e cultural. O que, em tese, justificaria a aceitação do padrão linguístico registrado nos impressos. Neste cenário, importa ressaltar, por significativo, que o público leitor desses jornais, em escala considerável, não somente aceita a linguagem ali usada, mas se identifica com ela, valoriza-a, pois, de alguma forma, se vê representado na utilização das palavras e nos trejeitos linguísticos. É quase um processo catártico.

Noutra ponta, é impossível desvincular as construções linguísticas dos jornais populares de outras tantas representações midiáticas, especialmente, onde elas igualmente são disseminadas. Não é difícil encontrarmos nas programações da TV, nos programas de rádio, nos filmes, peças teatrais, músicas, iguais manifestações de linguagem coloquial.

É razoável atinar, inclusive, que o sucesso desses programas ou empreendimentos só é possível por conta da força que a linguagem estabelece. Ela funciona, nestes casos, como elemento fundamental de *marketing*, como atrativo à leitura. Neste sentido, o teor da linguagem é absolutamente persuasivo, a função não é referencial, mas apelativa.

Assim sendo, importante considerar que a utilização deste tipo de linguagem nos jornais populares, não obstante toda a sorte de preconceitos, está a serviço de uma estratégia para o consumo e inscrita numa discussão que deve, sem dúvida, ser ampliada de que a linguagem é marcada por variações e sua realização acontece dentro de uma circunstância específica, num contexto particular, os quais não podem ser desconsiderados

4.1 "Dez Minutos" x "Manaus Hoje": estratégias linguísticas diferentes

A ideia de que todos os jornais do segmento popular são constituídos de linguagem informal é questionável. Ao observar atentamente dois dos principais jornais populares que

circulam em Manaus, notamos a existência de perfis linguísticos significativamente diferentes. No jornal "Dez Minutos", mesmo com a abordagem de temas relacionados à violência, a demandas sociais e comunitárias, a linguagem é notadamente formada por uma relativa observação aos critérios emanados da Gramática Normativa, na qual estão condensadas as regras do chamado "idioma padrão".

Já no jornal "Manaus Hoje", com linha editorial tendente à utilização de uma linguagem mais próxima do seu leitor, vemos o uso constante de expressões e termos próprios do coloquialismo. No contato com jornalistas desse impresso, na ocasião da pesquisa acima mencionada, restou claro que os mesmos, além de trabalharem com uma pauta voltada para o interesse dos leitores, atuavam constantemente no sentido de evidenciar uma linguagem com registros informais.

Para ficar evidente a diferença de linguagem entre os dois periódicos, o que sem dúvida deve ser motivo de atenta observação, destacamos duas notícias apresentadas nos dois jornais no dia 21 de junho de 2013. Ao tratar sobre a prisão de um comerciante que teria ido à delegacia registrar um Boletim de Ocorrência, o jornal "Manaus Hoje" noticiou: *"Vai fazer B.O. e acaba na gaiola",* já o "Dez Minutos" informou da seguinte forma: "*Comerciante é preso ao tentar registrar B.O.".*

É perceptível as nuances de linguagem entre os dois registros. Em um, a intenção evidente é de expressão através de termos populares: "gaiola" = cela, ou ainda do formato informal do verbo "Vai fazer". No outro, embora a tratativa seja de um fato social e afora o uso do termo "B.O", forma linguística cristalizada, seja utilizado de forma abreviada neste tipo de jornal, o padrão linguístico, como já referenciamos, lembra muito mais a variação padrão da Língua Portuguesa.

Sobre esta questão específica, Márcia Amaral (2008) destaca que

> "As pessoas lêem os jornais não apenas para se informar, mas também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem partícipes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que 'todo mundo fala'. O ato de ler um jornal e de assistir a um programa também está associado a um ritual que reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo." (AMARAL, 2008, p.59)

Há de se considerar que a linguagem, por vezes, exerce esse papel de ligação entre o jornal e seu leitor. Ela atua, ratificamos, mais ou menos, num papel de apelação, de

convocação à leitura, pois é, junto com os próprios temas de interesse do leitor dos jornais populares, a primeira a dizer que ali as pessoas podem "se encontrar", estariam representadas, como acontece com a música e outras manifestações sociais, nas quais a grande massa popular é evidenciada.

5 Se espremer, vai sair só sangue?

O jornalista Danilo Angrimani, autor do livro "Espreme que sai sangue" (1995), trata sobre as diversas questões que envolvem os jornais populares, inclusive o sensacionalismo e a linguagem. Para ele, aliás, a linguagem destes impressos atua no sentido de atingir o inconsciente dos consumidores e atinge a necessidades psicológicas coletivas, ou seja, configura-se como uma representação do próprio público.

Mas, além deste aspecto, que sem dúvida será objeto de pesquisa mais apurada, conforme já mencionado, é fundamental avaliar em que sentido os jornais populares podem avançar para uma imprensa de referência.

Neste particular, Márcia Amaral (2008) ressalta que

> "Cabe ao jornalismo popular ser interessante ao público e não só responder ao que imagina que seja o desejo público; ser mais propositivo para estimular o leitor a exercer sua cidadania (...) Talvez uma das saídas para os jornais mais populares seja a criação de formas próprias de um 'jornalismo cidadão' (...) São interessantes porque propõem um vinculo da imprensa com o desenvolvimento da cidadania..." (AMARAL, 2008, p.131)

Ao passo que assistimos a um crescimento significativo deste segmento do jornalismo impresso, também identificamos a força de manifestações contrárias aos jornais populares, tidos, muitas vezes, como subprodutos, especialmente pela linguagem que utilizam, a qual é entendida como um desserviço para a educação. Estão por toda parte as manifestações contrárias que, muitas vezes, atingem níveis de preconceito e depreciação desse tipo de jornais.

Ao contrário disso, acreditamos que os jornais populares, a despeito de toda a resistência que enfrentam, são significativos prestadores de serviço e, se não a única, a mais

retumbante forma de contato com notícias e informações para a grande massa populacional. Isto em razão do preço, do acesso facilitado e dos temas tratados.

E, apesar da ideia de que condensam em suas páginas o que há de pior na vida social, nas relações humanas, dos argumentos de que tais jornais são verdadeiros propagadores da desgraça coletiva, vislumbramos nesta categoria de impressos elementos que merecem uma abordagem mais atenciosa e menos depreciativa.

Nesta razão, é substancial, de pronto, compreender que a linguagem dos jornais populares atua no sentido de garantir a concretização da comunicação e que, embora seja igualmente necessário refletir todas as peculiaridades que a envolvem, sua utilização é estratégica, em um cenário no qual atua – já dissemos – como elemento de persuasão.

Assim, compartilhamos da ideia de que tais impressos precisam ser mais bem estudados, inclusive no sentido de ratificar sua responsabilidade social e que sua linguagem carece de uma observação menos preconceituosa e mais abrangente.

6 Referências Bibliográficas

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta: Língua & Poder na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. Preconceito Linguístico – o que é, como se faz, São Paulo: Edições Loyola, 54ª edição, 2011.

BAKHTIN, M. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (tradução M. Lahud e Y.F Vieira). São Paulo: HUCITEC,1981.

BENVENISTE, Émille. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem & Comunicação Social: linguística para comunicadores**. São Paulo: Parábola, 2002.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder**. 3ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KOCK, Ingedore Vilaça. A Inter-Ação pela Linguagem. São Paulo: Contexto, 2012.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática,1998.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Linguística de Texto: o que é e como se faz?**. Editora Universitária da UFPE, 2009.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Orgs.). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras.** Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e Discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio**. (trad. E. Orlandi et alii). Campinas: Editora UNICAMP, 1988.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1987

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.